

## **FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**

### **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE VITÓRIO ALEXANDRE ABRÃO**

**Vitório Abrão, primeiro prefeito eleito da cidade de Vilhena (RO), conta como foi "pegar boi à unha" para desenvolver a região, o desmatamento com o uso do Agente Laranja e as condenações judiciais sofridas.**

**Projeto de Extensão:** Comunicação e educação: a contribuição de narrativas imagéticas para a superação da degradação e desigualdade ambiental em Rondônia

**Entrevistadora:** Elisabeth Kimie Kitamura

**Entrevistado:** Vitório Alexandre Abrão

**Transcrição:** Bolsista Daiana Cristina Silva

**OBS.:** Transcrição da entrevista realizada no dia 27.04.2019 respeitando-se, na medida do possível, a fala coloquial do entrevistado.

**Vitório** - Meu nome é Vitório Alexandre Abrão, eu sou paulista e me criei no estado de Mato Grosso, na cidade de Três Lagoas, onde meus pais são fundadores daquela cidade, meus avós, aliás. Vim para Rondônia em 1972 porque eu já estava morando em Cuiabá nos anos 70 abrindo já as fazendas aqui no Vale do Guaporé, no norte do Mato Grosso e eu como filho de pecuarista, eu também pecuarista, adquiri uma área lá onde é hoje a cidade de Pontes e Lacerda, ali entre dois rios, o rio Cágado e o rio Alegre e naquele tempo a estrada BR-364 que vinha aqui pra nossa Vilhena, pra Rondônia. Não era por Cáceres, a estrada terminava em Cáceres, de Cáceres pra frente não havia mais estrada, a estrada vinha lá por Diamantino e não havia nenhuma cidade, nem em Diamantino na beira da BR, porque Diamantino era fora da BR. Então de Cuiabá até a Vila de Vilhena não havia cidade nenhuma. Então era só o sertão mesmo do meu Deus aí e a minha fazenda eu abria de avião. E aí um dia, eu lá conversando lá com os funcionários da fazenda eu dizia, poxa, eu queria voar aqui na fazenda, mas se eu voar aqui eu não consigo voltar pra lá, né. Aí o cara falou, o senhor já ouviu falar de Vila de Vilhena? Um peão lá. Falei, não! Nunca ouvi falar. Pois é, lá tem um entreposto do

correio aéreo nacional e tem destacamento lá da aeronáutica. Tem uma pequena vilinha lá, mas lá tem uma bomba de combustível. Ah tá, eu vou dar um pulo lá então. Peguei uns tambores vazios e vim aqui. Quando eu saí, ali naquela mata, antes de entrar nos campos aqui eu enxerguei aqueles campos eu já tinha visto abertura desses campos lá no Mato Grosso na região do Chapadão, do Parque das Emas, ali perto de Cuiabá. Eu enxerguei aqueles campos e falei, aqui também os nossos conterrâneos gaúchos vão chegar e vão abrir esses campos, isso aqui vai virar agricultura. Aí falei assim, eu vou vir morar aqui! Eu não era casado ainda estava solteiro, mas estava prestes a me casar. Aí, virei pra minha mulher e disse assim, vamos casar porque nós vamos mudar, nós vamos morar lá em Vila de Vilhena. Eu descii aqui, arrumei o combustível, dei uma volta assim. Vilhena devia ter umas 20 casas, mais ou menos, e a Major Amarante ali uns 200 metros, 100 metros de cada lado ali na entrada.

**Elisabeth** - Qual é o ano, seu Vitório?

**Vitório** - 72, final de 71 comezinho de 72.

**Elisabeth** - Certo.

**Vitório** - E...aí, conversa com um, conversa com outro... Pra saber o que ia virar Vilhena, o que ia acontecer com isso aqui, era uma vilinha, uma vilinha onde tinha alguns posseiros que estavam grilando terra. Madeireira não tinha nenhum pra dizer que haveria um ciclo de madeira, era uma cidade assim de aventureiro na verdade, mas eu gostei em virtude dos campos. Aí eu peguei e falei assim, vamos casar e vamos morar pra lá. Falou (a esposa), boa cidade? Falei: muito boa! Vilhena uma cidade boa. Aí ela falou, então vamos, né? Aí, o seu Donato Queirós, que era dono do posto de gasolina, que em virtude desse posto que começou a nascer Vilhena, fui parando, logo seu Abdala também veio pra cá e já botou uma zona de meretriz, umas mulheres e aí os caminhoneiros andaram parando também e assim foi que começou a nossa Vilhena que se chamava, antigamente, Vila de Vilhena. Mas, 73, 74, 75 ia crescendo muito devagarinho porque não tinha nada programado ainda pra isso aqui e pequei a mulher e aí eu disse, bom, eu tenho que comprar uma casa, né!? Aí perguntei ali, tinha um hotelzinho que era tocado pelo seu Chico Gomes, perguntei lá, aonde eu compro um barraco aqui, uma casa de madeira? Ele falou, seu Donato aí do posto fez uma casa ali na esquina, nova a casa, nunca ninguém morou lá pra família vir, mas a família não quis vir. Aí fui lá conversar com ele. Seu Donato uma pessoa assim, de convívio difícil, mas como eu era de Cuiabá, já estava morando em Cuiabá, consegui convencer ele e comprei a casa dele. Aí compramos a mobília lá em Cuiabá e mandamos o caminhão. Aí peguei a mulher e vim no

aviãozinho meu. Quando tô chegando aqui em cima ela falou assim, mas você vai descer aí? falei, vou, vamos abastecer aqui. Aí ela desceu do avião enquanto tava abastecendo, né e todos esses aviãozinho tem que abastecer não pode dormir sem combustível. Aí ela olhou e falou, uéh, mas esse caminhão é aquele caminhão da nossa mudança que está descarregando lá, né? Eu falei, pois é, aqui é a Vilhena que nós vamos morar! Mas ela sempre foi uma companheira muito grande no fim ela... quando foi embora daqui ela até hoje ela ama Vilhena, gosta muito de Vilhena. Mas foi assim. Aí eu já em vez de ir atrás de terra boa, de terra roxa, como era a procedência minha, do meu pai de pecuária, eu já fui atrás dos campos, aí comprei os campos, ali a fazenda Chapadão, a fazenda Santa Regina que eu botei o nome da mamãe, dei entrada no Incra pra legalizar, mas já comecei a fazer a lavoura. Eu fui o primeiro homem a plantar lavoura mecanizada na Amazônia, antes de mim ninguém plantava ainda, plantava de Cuiabá pra baixo, de Cuiabá pra cima ninguém. Logo depois chegou o pai do seu Blairo Maggi, né, que começou lá em Sapezal, e...e aí começou a chegar o povo aqui em Vilhena. Aí papai também resolveu vir embora pra cá, então nós demos aquela pedalada inicial na agricultura, aí os amigos do papai até dizia, mas você sempre mexeu com boi, agora vai mexer com agricultura? Isso é coisa de gaúcho Vitório! Falei, pois é, aqui vou virar gaúcho, vou começar a mexer com agricultura. E foi assim que começou.

**Elisabeth** - Quais foram os produtos que o senhor produzia?

**Vitório** - Arroz! E naquele tempo não tinha calcário e nem essa usina de Nobres não tava funcionando ainda e aqui também, Espigão (Espigão do Oeste/RO) nem pensar, Espigão nem existia, né? Então nós pegamos e demos essa arrancada aí na agricultura. Então, Vilhena é... não tinha ainda um horizonte ninguém sabia o que ia acontecer com o território de Rondônia. Em 1975 pra 76 chega aqui o coronel Humberto Guedes, foi um homem mandado pelo regime militar pra cá já pra preparar o território para fazer essa transformação em estado. Já o estudo inicial dos municípios, das pequenas vilas, aquele tempo nós tínhamos dois municípios só, Porto Velho e Guajará-Mirim. E de Porto Velho aqui nesses 750 quilômetros nós tínhamos as vilas né, que era a Vila de Vilhena, a Vila de Pimenta, Vila de Rondônia, que hoje chama Ji-paraná é... Vila de Jaru, Vila de Ouro Preto, Vila de Ariquemes e Porto Velho, era o que existia. E já no tempo do coronel Humberto Guedes começou a ser feito o primeiro projeto de colonização lá no projeto Ouro Preto, mas ainda sem essa ideia fixa de transformar o estado em um estado de colonização. O projeto Ouro Preto nasceu em virtude de uma vontade pessoal do Incra e do coronel Humberto Guedes sem a intromissão do governo federal. Aí Rondônia começou a ser preparado, veio uma equipe do ministério do interior, diversos

técnicos e os técnicos, cada um, chegou nessas vilas já preparando essas vilas pra virarem município e aqui também, Vilhena ficou com quatro técnicos que começaram a dividir a cidade e a planejar a cidade pra isso. Eu acompanhei esses técnicos porque era a pessoa mais esclarecida, mais de conhecimento que tinha na vila naquela época né, e aí... começou a ser planejado isso. Logo depois, o coronel Humberto Guedes saiu e veio pra cá o coronel Jorge Teixeira de Oliveira já com o intuito de ir colonizar mesmo o estado de Rondônia com o lema "desmatar, integrar pra não entregar", né. Porque havia uma ideia de eu não sei, até hoje eu não encontrei ainda nada que os americanos iam tomar isso aqui iam ocupar a Amazônia, mas o lema era esse e também com acesso ao primeiro lema. Segundo, desafogar o estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que estavam já começando a ter problemas agrários muitos sérios, né? Então o estado foi cortado em pequenos NUAREs que eles chamavam que era Núcleo Urbano de Apoio Rural. Foi criada uma companhia de desenvolvimento que se chamava CODARON (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de Rondônia) e foi colocado o seu doutor William Cury como presidente, um homem voltado mesmo pro campo numa capacidade muito grande, muita vontade. E o William então planejou o que se chamava PLANAFLORO (Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia), que era um projeto para o Banco Mundial financiar e então transformar esses NUAREs em cidades no futuro e a pavimentação da BR-364 pra esse escoramento. Mas começaram a fazer as coisas muito atropelado, né e não pensaram que a imigração seria tão violenta como houve e aí houve um fluxo de veículo e essa BR nossa que era muito bem mantida pelo 5º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção) pelo 9º BEC, era cascalho, mais muito boa e a estrada começou a ficar em estado de miséria, chegando ao ponto de se gastar 20, 30 dias de Cuiabá até Vilhena. Muita gente vindo descontrolado demais. Vilhena não teve NUAR, não teve nada porque era uma cidade que fugia das características do território de Rondônia. Fugia como? Era uma cidade terra de cerrado, de campo e não se consegue fazer colonização em campo, então nós ficamos fora do POLONOROESTE (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil). Mas isso em um certo ponto foi ruim, mas em certo ponto foi bom, lá na frente você vai entender o porquê. E aí, criaram atropelado também uma parte que nos tínhamos de terra de cultura que era o Colorado (Colorado do Oeste/RO), criaram um projeto de colonização lá, o Paulo de Assis Ribeiro e começaram a levar gente pra lá sem infraestrutura nenhuma a torto e à direita, então eu sempre digo que o Inca matou muita gente que vieram de lá, porque eu montei uma serraria lá também e assisti famílias sendo dizimadas pela malária, por outras doenças que assolavam a região. Porque o Inca pegava simplesmente famílias com seis, oito, dez pessoas e levava 20, 30 quilômetros lá da

Vila do Colorado e dizia, aqui é seu lote, tá aqui ó, 500 metros de frente por 2 mil de fundo, pode tomar posse e largava lá a Deus dar. Aquilo ali com cinco, seis meses, um ano não sobrava ninguém, morria tudo, assolava mesmo, uma coisa muito feia, muito terrível. Esse foi o início de Vilhena. Em contrapartida, o projeto Colorado, com a abertura do projeto Colorado que tinha uma floresta de árvores de mogno, cerejeira e ipê, cabriúva que eram madeiras de muita procura tanto no exterior quanto aqui, houve a vinda do surto da madeira né? Em Vilhena em pouco espaço de tempo passou a ter 130 serrarias funcionando, um negócio de louco movidas a locomóvel, movida a óleo diesel porque energia mesmo não existia, tinha uns motor já ultrapassado, então tinha seis horas de energia picado, duas horas de manhã, duas horas no intermédio do dia e duas horas da noite. Foi assim então que nasceu o surto madeireiro de Vilhena e logo depois começou a vir a migração pra esses projetos de colonização porque tava já criado os NUAREs e Pimenta Bueno e nascendo Cacoal e depois Presidente Médici, aí a transformação de Vila Rondônia pra Ji-Paraná, aí o projeto de Ouro Preto ganhou vulto maior também que já era... tinha sido o primeiro. Aí o projeto de Jaru, o projeto de Burareiro de Ariquemes específico pra produção de cacau que foi outro desastre, outra coisa completamente errada porque a vassoura de bruxa veio e dizimou as lavouras cacaeira e lá pra cima, Guajará (Guajará-Mirim/RO) não foi atingido por isso porque era uma cidade também que não havia condição de se fazer colonização, então parou em Porto Velho a coisa né? É isso.

Então, participando desses desenvolvimentos da nossa Vila de Vilhena, eu havia sido convidado pra ser prefeito nomeado, mas eu nunca quis. Eu disse, não, eu vou ser prefeito de Vilhena um dia, mas eu quero ser pela vontade popular, né? Com a transformação em 1977 da nossa Vila em cidade de Vilhena em município, logo depois é... aí foi nomeado o prefeito Renato Coutinho, depois o prefeito Arnaldo Martins e, finalmente, em 1983 nós tivemos as primeiras eleições e eu fui candidato e me elegi prefeito. Eu não tinha experiência política, experiência que eu tinha era de pecuarista e de agricultor, mas tinha muita vontade de trabalhar pela minha cidade, então peguei mesmo como diz o outro, “o boi à unha”. Como nós tínhamos ficado fora dos projetos de colonização, eu usava muito isso pra buscar recurso federal e dizia no Ministério do Interior, nos outros ministérios que eu não tinha recurso do PLANAFLORA, nem aliás, do recurso do POLONOROESTE, então eu conseguia captar recurso em virtude disso e fiz Vilhena ter um desenvolvimento fora do normal. Pra você ter uma ideia, nós passamos muito de Ji-paraná e já, propriamente, encostando em Porto Velho em desenvolvimento. E... eu fiz aqui, em um ano e oito meses que eu fiquei na prefeitura,

fizemos obras aí que até hoje ainda são as únicas obras que podem se dizer que ainda são cartão postal da cidade. É o parque de exposição, prefeitura nova, o hospital regional, as grandes obras que nós fizemos, as pavimentações muito bem-feitas, né? Mas aí comecei a ter problemas com a cúpula do Estado, porque os jornais começaram... bom, aí é... os prefeitos resolveram criar a associação dos prefeitos e nós criamos a associação é... através de um ato é... do começo do prefeito de Guajará, prefeito Isaque Nilton, e eu fui eleito o primeiro presidente disso e já foi feito uma declaração pelo prefeito de Ji-paraná, um declaração fora de hora, dizendo que eu seria candidato a governador do estado quatro anos depois e que... não se aguentava mais o coronelismo aqui no estado porque o coronel Jorge Teixeira. Como todo militar, ele não tinha esse lado político que tinha os outros ministros, mas também não era assim um ditador, mas o Jotão teve... o prefeito de Ji-paraná teve um problema com ele e essas histórias começaram a vir e eu fui massacrado politicamente. Tanto que nunca fui condenado por nenhum processo por desvio de dinheiro público, nada, todos os processos que não foram poucos, montaram... porque assim que foi... o Jotão publicou isso aí na abertura da exposição de Ji-paraná quando perguntaram pra ele o que houve naquela reunião na fazenda do prefeito Vitório Abrão. Ele disse, olha a reunião foi muito simples, nós resolvemos criar a associação porque não aguentamos mais esse coronelismo aqui no estado e já lançamos o nosso candidato a governador dos prefeitos, que vai ser o prefeito de Vilhena, Vitório Abrão. O presidente do Tribunal de Contas, que era um homem forte do Coronel Jorge Teixeira que se chamava doutor José Renato da Frota Uchôa também queria ser candidato ao governo e já era então presidente nomeado do Tribunal de Contas. E aí a coisa começou a bombardear, me meteram assim 31 processos num prazo de 15 dias em mim e no meu grupo mais chegado a mim que era o prefeito do Colorado, o prefeito de Ji-paraná que era o Jotão, prefeito de Jaru, prefeito de Ariquemes. Eu sofri esse bombardeio político e fui afastado da prefeitura como todos os meus colegas através de intervenção, né? E aquilo me aborreceu muito e eu fui embora, fui embora e voltei quatro anos depois e infelizmente eles pararam aquele desenvolvimento porque eu já tava aquela época trazendo energia lá do Sul pra cá num projeto de um linhaço que tava parado em Jauru (MT), eu era muito amigo do Júlio Campos, que era governador do Mato Grosso, e nós sem dúvida nenhuma já em 85 Vilhena estaria interligada no sistema nacional de energia. Hoje a cidade seria outra coisa, nós teríamos uma Vilhena muito mais avançada porque eu sempre tive uma visão muito grande. Eu nunca pensei no presente, eu sempre trabalhei pensando no futuro, eu sempre fui assim.

Naquela época em pleno regime militar as coisas eram bem diferentes do que são hoje, hoje você tem mais acesso à democracia, mais acesso a isso, naquele tempo não havia nada. Eu até acredito que até hoje não porque eu, por exemplo, eu... a gente enxerga o que estão fazendo com o presidente Lula, o que estão fazendo com esse povo, o que é completamente arbitrário, completamente fora do que diz os códigos. Até hoje os códigos ainda no Brasil, na minha opinião, o poder judiciário pisa em cima e faz o que bem entende com eles. Eu sofri muito na mão do poder judiciário, mas nunca me calei também, eu nunca baixei minha cabeça porque eu fui criado assim pelo meu pai, a ser verdadeiro, a ser realista, eu nunca fui bajulador, eu nunca fui...sempre fui muito firme nas minhas convicções e, por causa disso, até eu tinha uma admiração pelo coronel Jorge Teixeira que era governador, gostava muito de mim e também até o presidente da república, que eu estive como prefeito dessa pequena cidadezinha trouxe o presidente aqui duas vezes.

**Elisabeth** - Por conta dessas pressões, dessa força do poder naquele período que o senhor sofreu às punições da...

**Vitório** - Eu na verdade Beth, eu quando fui embora eu abandonei os processos né, então decretaram minhas prisões e tal. Quando eu resolvi voltar pra Vilhena, o meu pai foi lá me buscar e disse não meu filho, você vai voltar pra Vilhena! Eu digo, pai, eu não quero mais voltar pra Vilhena, tô trabalhando aqui, tô indo bem, não quero, vou tirar Vilhena da minha vida, o que eu tinha que fazer por Vilhena eu já fiz. Ele falou não meu filho, eu não criei ... eu tô no fim da vida, eu não criei filho pra ficar corrido de justiça você vai, você se apresenta, responde seus processos, depois você volta. E foi assim que meu pai me trouxe de volta pra cá em 1988, né? Eu me apresentei e tal, mas logo depois papai veio a falecer já uns cinco meses depois que eu cheguei com ele aqui de volta. Eu acho que ele já estava sabendo que estava no fim da vida. E aí, logo depois a Ivone quis entrar na política, minha irmã e aí falou, meu irmão você não pode ir embora, você tem que me apoiar, me ajudar na política né? Eu acabei ficando aqui de vez.

Bom, nós tivemos como já disse anteriormente, a época da madeira, o ciclo da madeira. De uma hora pra outra Beth, de uma hora pra outra que eu digo no prazo de um ano, nós tivemos 130 serrarias se assentando aqui e serrarias grandes, né? Num porte assim que serravam 200, 300 metros cúbicos de madeira por dia aqui e no Colorado. Então isso aqui viveu dez anos aí o ciclo da madeira, que de manhã nem se dormia porque começavam a apitar aqueles locomóveis às cinco horas da manhã. E aquilo era uma loucura mesmo, sem controle, sem nada, não existia o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

Renováveis) nós tínhamos o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). O IBDF emitia guia e se comprava guia a torto e a direito, não havia... e a lei era desmatar pra não entregar. Então você, por exemplo, se tivesse uma posse, a sua posse era legalizada pelo que se tinha desmatado. Se tinha desmatado 100, você tem mais 100, era mais ou menos assim a lei da coisa, entendeu? Então o negócio era desmatar e desmatavam até com o efeito laranja (**Agente Laranja, junção de herbicidas que gerava um subproduto chamado de dioxina. Além de fazer as folhas caírem provoca efeitos graves em quem entra em contato com o agente, como câncer, doenças na pele, enfraquecimento do sistema imunológico e doenças congênitas, ou seja, hereditárias que passam de geração em geração**) não sei se você já ouviu falar disso. Efeito laranja foi feito pelos americanos pra ser usado na guerra do Vietnã pra... porque o Vietnã tem aquelas bolas de mato no meio dos campos então eles passavam aquilo, era um desfolhante muito forte e aqui no Vale do Guaporé foi usado muito do efeito laranja porque aquilo se passava e desmatava em dois, três dias, dez mil hectares, por exemplo. Coisa que você gastaria aí com 500 homens dois anos para fazer e fazia em 15 dias, 20 dias um avião pulverizando aquilo. Se passava aquilo e uma semana depois não tinha uma folha, caía tudo.

**Elisabeth** - Isso qual período mais ou menos?

**Vitório** - 1977,78,79,80 essa faixa de 75 a 80 por aí que foi esse desmatamento, começou bem forte mesmo. E aí eles jogavam sementes de capim, quatro, cinco tipos de sementes que davam muito que eles chamavam de pé de fogo e fazia muita massa para pegar fogo, que era capim gordura, capim jaraguá, capim colônia, naquele tempo aquele capim de domina hoje, família braquiária, não existia, então era esse capim aí. Misturavam aqui e pulverizavam também, terra muito forte aquilo crescia e subia naquelas árvores aqueles capim e tal. E aí vinha o fogo e aquilo parecia um inferno quando queimava. O fogo subia uns 40 metros de altura e assim foi feita a formação dessas pastagens tanto no Vale do Guaporé como em uma parte aqui de Rondônia. Aqui em Rondônia não foi usado muito o efeito laranja não, foi usado mais no Vale do Guaporé pelas grandes empresas porque o Vale do Guaporé foi colonizado pela CONFAP(?) pelo Lorenzetti que tinham áreas de 40, 50 mil hectares cada uma. Então aí morreu muito índio com isso né, eu lembro que uma vez puxaram os índios pra beira da BR pra depois jogarem nos caminhões, era uma mortandade... mataram muito índio aí

**Elisabeth** - O senhor chegou a presenciar?



**Vitório** - Cheguei a presenciar isso. Então... porque o índio... eu cheguei a ter um convívio muito de perto com os índios até aqui na Vila de Vilhena com os índios Nhambiquara porque eu fui o primeiro a abrir uma fazenda aí. Eu tinha um armazém, eu tinha um caminhão que buscava mercadorias em Cuiabá, cheguei aqui quase não tinha nada e aqui eu vi eles experimentar, conhecerem o açúcar e aquilo era uma loucura pra eles o açúcar. Naquele tempo não se vendia açúcar em saquinho, dois quilos nem nada, era só em saco de 60 quilos. Então eles entravam no armazém e levavam um saco daquele, mas sempre deixavam alguma coisa em troca. Eu sempre disse que o índio nunca roubava, ele troca, aí deixava lá um cacho de banana ou deixava um arco e uma flecha, era assim que eles faziam. Mas o açúcar começou a corroer os dentes deles e então tinha dia de eu amanhecer na fazenda e aquela gritaria, aquele berreiro no terreiro assim eles... com a dor de dente deles. Eu trazia eles pra cá pra doutora Cida que foi nossa primeira dentista, ontem nos enterramos ela, inclusive, doutora Cida Cavalcante. E depois teve os práticos, o marido dela que foi o primeiro que era o Junqueira que era prático mais uns dois ou três. Aí eu trazia porque eles arrancavam os dentes cariado deles. Então os índios foram massacrados também por esse surto de desenvolvimento e havia ali na região onde hoje é o Comodoro pra lá através do barracão queimado existia é...um...eu não sei como é que se chama isso, era uns pastores americano né, que tinha uma... criavam lá um... tinha umas casas muito boas, tinha uns rádios potentes que falavam com os Estados Unidos e eles congregavam os índios ali, eram uns missionários na verdade, essa é a palavra certa. Então conheci esses missionários todos aí e nunca vi eles fazerem nada de bem para os índios. As casas que eles moravam eram tudo cercado de tela, os índios não tinham acesso nem aos pomares de frutas que eles tinham. Ficavam ali na ... na grade olhando as frutas lá dentro, eu até perguntei pro missionário, mas você vem aqui pro Brasil plantam laranjas, limão essas coisa e eles que são os dono da terra que você tá não tem direito a chupar? Estão apodrecendo, caindo no chão e vocês deixaram eles fora da terra. Então Beth essas coisas todas é...eu guardo sempre na minha memória porque me machucaram muito. Eu sempre fui um homem muito voltado pro lado social também, nunca fui um homem que dá valor pra dinheiro, nunca fui um homem assim, eu sempre fui um homem de ajudar o próximo de fazer, né?

Tanto que eu estava te dizendo dos processos, das penas que eu cumpri, eu cheguei dos 31 processos que montaram contra mim eu só fui condenado em um porque eu não estava aqui, estava trabalhando no Acre aí quando eu fiquei sabendo já tinha se passado dois, três anos aí eu me apresentei e cumpri uma condenação absurda. Me deram 12 anos de condenação, eu era

réu primário por causa de dois metros quadrados de azulejo, 30 metros de bloquete e 130 metros de meio fio. Eu fui condenado a 12 anos de prisão aí não pude recorrer.

**Elisabeth** - O senhor cumpriu os 12 anos?

**Vitório** - Cumpri!

**Elisabeth** - 12 anos?

**Vitório** - Não, eu cumpri um 1 ano e 8 meses fechado, depois mais um ano de albergue, aí depois mais um tempo, foi mudando o regime, mas cumpri toda a minha pena desse processo porque eu não sabia, eu pensei que já tinha acabado e meu advogado também abandonou o processo e quando eu fiquei sabendo que não tinha como mais recorrer eu tive que cumprir.

**Elisabeth** - Seu Vitório, já que estamos falando das penas cumpridas, o senhor poderia falar um pouco sobre a atual acusação que o senhor está sofrendo de crime ambiental?

**Vitório** - Eu tenho uma pequena propriedade de 10 hectares lá na beira do rio Santa Cruz no município de Pimenteiras. Eu sempre gostei muito de pescar, então eu tenho lá um sítio ecologicamente correto.

**Elisabeth** - O que o senhor... assim pode externar do que seria ecologicamente correto?

**Vitório** - Por quê? Porque eu só desmatei mesmo o lugar da minha casa onde eu fiz a casa e o lugar do pomarzinho onde eu tenho umas fruteiras, ou seja, em 10 hectares eu desmatei um hectare, o restante está lá do jeito que Deus plantou e eu agreguei mais algumas coisas ainda que é muita pupunha, muito cupuaçu no meio da mata essas coisas todas, mas muito bem. Eu pra entrar na minha propriedade eu tinha uma estrada, um acesso mais perto de 300 metros da estrada principal até a minha casa que passava por dois sítios, um do seu Antônio das Neves e outro do seu Sidney. Com o passar do tempo, o seu Sidney e o seu Antônio das Neves venderam pro seu Clóvis e ele desmatou tudo e montou uma leiteria lá, botou gado de leite. E aí uns amigos que foram lá no sítio, minha chácara, saíram um dia e deixaram a porteira aberta e o gado dele saiu pra estrada, aí ele me chamou e disse, ôo Vitório eu não quero mais que use a estrada. É um direito que ele tem de me dar um tempo pra eu abrir a outra estrada, tudo bem. Aí eu peguei e vim aqui na SEDAM (Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental) e disse, ó tá acontecendo isso, isso e isso, eu preciso abrir o acesso agora da estrada principal até na minha casa que dá 1520 metros porque meu sítio é comprido assim e quero saber o que tenho que fazer pra abrir esse acesso. Falou, lá tem alguma picada, algum picadão? Falei tem! Eu, de vez enquanto, ia de moto lá então eu descia por aquele picadão.

Então seu Vitório a lei tá aqui, a portaria diz o seguinte que você tem que fazer um projetinho certo, normal numa caneta num papel dizendo o que o senhor vai fazer, explicar detalhadamente, juntar o seus documentos que o senhor tem do Incra, do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) e pedir autorização pra fazer. A autorização é o protocolo, o protocolo aqui pode fazer e junta a portaria que é essa aqui que tá dizendo isso que eu tô falando pro senhor. Tá bom. Seu Claudinei me explicou eu peguei fiz isso, fiz tudo entreguei, protocolei e fiquei com uma cópia comigo. Contratei a máquina, até sem poder, porque ficou em 15 mil reais a estradinha pra abrir isso aí, e abrindo, fui abrindo só que o picadão fazia assim [gestos] eu endireitei, tá bom. Aí fui pra lá contratei a máquina em Cerejeiras e fiquei lá. Quando eu tô com umas duas horas lá mais ou menos chegou a polícia ambiental que o vizinho me denunciou dizendo que eu estava desmatando lá. Ai a polícia chegou, oi seu Vitório, tudo bem? Eu digo tudo bem! O senhor tá desmatando, o que o senhor tá fazendo? Falei, não, tô abrindo a minha estrada. Conteí minha história pra ele, apresentei a documentação pra ele, ele olhou e falou não, tá certo pode continuar não tem problema, abri. Passaram três anos, mais ou menos, eu fui intimado que havia um processo contra mim no município de Pimenteiras...Cerejeiras, fui lá ver do que se tratava e era do dito cujo essa estrada porque o denunciante me denunciou lá pra polícia ambiental e denunciou lá em Cerejeiras também no Ministério Público. O Ministério Público ao invés de intimar, não me intimou, já abriu o processo logo de uma vez. Aí lá na audiência, eu fui convocado para a audiência, eu fui e expliquei tudo o que eu tô explicando pra você para o juiz e para o promotor. O promotor diz, olha, mas nós mandamos fazer uma vistoria lá e a técnica que foi lá... eu falei, se foi ela foi uma que chegou lá e rebentou o arame entrou pra dentro, deve ter sido ela então. Ela disse que o senhor em vez de abrir os 300 metros que estava lá, o senhor abriu foi mil quinhentos e pouco para fazer pastagem. Eu digo, o senhor está equivocado seu promotor, como é que eu vou abrir 1520 metros por 20 metros de largura pra fazer pastagem? E depois esses 350 metros que ela tá dizendo é justamente os 350 metros que me levou a abrir os 1520 que o dono não queria que eu passe mais aí, muito bem. O promotor, o juiz me absolveu, me absolveu lá do processo, mas o promotor recorreu, recorreu pro tribunal. Minha irmã Ivone quando era deputada tinha um colégio no Colorado e lá havia um juiz. O processo foi cair na mão dele. Aí ele teve um atrito com a Ivone, o presidente do tribunal inclusive chamou a atenção dele porque era uma arbitrariedade o que ele fez e ele eu acho que ficou com aquilo gravado. Quando viu meu processo, a primeira coisa me condenou, me condenou a seis meses de regime semiaberto pra eu cumprir no albergue, tá bom! Aí o doutor Zé Francisco, olha Vitório cumprir você vai ter que cumprir mesmo né? Vamos recorrer à

Brasília, eu falei não, não recorre não! Vamos cumprir isso aí, tem nada né? Aí eu fiquei 30 dias lá no Albergue, todo a cidade se revoltou com isso, porque viu que foi uma arbitrariedade completamente maluca, né? Aí depois vim aqui pra casa fiquei usando aquela tornozeleira muito tempo, aí me tiraram minha tornozeleira e hoje eu tô acabando de cumprir, falta ainda mais quatro meses hum.. é essa, foi essa a condenação recente que houve.